



CONHECENDO O INIMIGO INTERNO

A. de Lannes

OS DOIS PRESTES

Em 5 de julho de 1924, a guarnição de SÃO PAULO pegou em armas contra o governo e, após vários dias de luta, os revoltosos retiraram-se para o oeste do PARANÁ onde se uniram às tropas vindas do RIO GRANDE DO SUL. Por mais de dois anos percorreram o interior do país até cruzarem a fronteira com a BOLÍVIA em 3 de fevereiro de 1927.

Nesses acontecimentos sobressaiu-se a figura de um capitão do Exército — LUIZ CARLOS PRESTES — cuja notoriedade acabou por lhe conceder o título de CAVALEIRO DA ESPERANÇA e, ao episódio o seu próprio nome: A COLUNA PRESTES.

Não pretendemos nos ocupar deste PRESTES (o da COLUNA). Interessamos o outro (o DA COMUNA), "nascido" já quase aos 30 anos de idade, na segunda quinzena de dezembro de 1927 na cidade boliviana de PUERTO SUAREZ, "assistido" por ASTROGILDO PEREIRA, um dirigente, àquela época, da SEÇÃO BRASI-

LEIRA DA INTERNACIONAL COMUNISTA – PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (SBIC – PCB).

Este PRESTES portanto, foi “boliviano” de nascimento – e a BOLÍVIA não tem culpa disto. Hoje, ele é “soviético” por conversão, oportunismo e traição – e o MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL é o responsável por isto.

DE CAVALEIRO A MONTADA

O PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB) havia surgido em 1922 sob a tutela da INTERNACIONAL COMUNISTA (IC) e, cinco anos depois, pouco havia conseguido em termos nacionais. Vivera quase sempre na clandestinidade e as tentativas para expandir suas bases enfrentaram inúmeras dificuldades. Entre elas, a pouca receptividade do povo brasileiro às mensagens materialistas do marxismo e a falta de nomes com repercussão nacional.

Durante o ano de 1927, o PC estava empenhado em conseguir aliados para a classe operária. LUIZ CARLOS PRESTES (o da COLUNA), apesar do seu internamento na BOLÍVIA, ainda estava revestido da auréola de herói popular, conhecido inclusive no exterior. O MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL (MCI) sabia disso e viu a possibilidade de “ganhar”, não só o líder, como também os remanescentes da COLUNA. O objetivo do contato e do recrutamento seria estabelecer uma aliança política entre o proletariado – que o PC afirmava liderar – e as massas populares, especialmente as camponesas – que o PC imaginava seriam lideradas pelo comandante da COLUNA.

Para cumprir a missão de aliciar PRESTES para o MCI, ASTROGILDO PEREIRA deslocou-se então para a BOLÍVIA e o encontro durou dois dias de “conversa franca”. Os resultados desta “conversa franca” são sentidos no BRASIL, até hoje.

ASTROGILDO entregou ao futuro “camarada” um punhado de literatura marxista que pôde arranjar no RIO DE JANEIRO (“MARX, ENGELS, LENIN etc, uma boa dúzia de volumes, quase todos em francês das edições de L’HUMANITÉ”). Era desejo do PC que “PRESTES estudasse por si mesmo a teoria e a prática da política pelas quais o PC se orientava, inteirando-se das soluções que a ciência marxista apresentava para os problemas da sociedade”.

Naquele dezembro de 1927, ele se iniciava no marxismo e surgia um novo PRESTES. De CAVALEIRO passaria a MONTADA.

A CONVERSÃO

A conversão pode ser o resultado de um ato espontâneo ou dirigido, imediato ou lento. Em qualquer caso, resulta numa revisão de pontos de vista, atitudes ou crenças.

No caso de LUIZ CARLOS PRESTES, o processo foi deflagrado pelo encontro de PUERTO SUAREZ, quando ele obteve as "primeiras informações sobre a revolução russa, o movimento comunista e a União Soviética". Foi dirigido (pelo MCI) e imediato (por conveniência das partes envolvidas).

Em 1928 transferiu-se para BUENOS AIRES, levou a mala que ASTROGILDO lhe dera e decidiu-se pelo estudo do marxismo.

Depois de ler O ESTADO E A REVOLUÇÃO de LENIN e o primeiro volume de O CAPITAL de KARL MARX, o ex-cavaleiro já mudaria o seu pensamento a respeito das idéias revolucionárias que até então defendera. Fracas idéias ou fortes livros! Essas duas obras "fantásticas" levaram-no a declarar: "— Para mim, teve uma influência decisiva a leitura de O ESTADO E A REVOLUÇÃO, a grande obra de LENIN, que me fez compreender como era falsa e errônea a concepção que eu tinha do ESTADO, concepção que me tinha sido inculcada pelo ensino universitário e que me fazia ver nele (o Estado) uma instituição situada acima das classes e encarregada de distribuir a justiça e dirigir como árbitro os destinos do país em benefício de toda a população. Foi esse sem dúvida, o livro que me decidiu a iniciar uma revisão profunda de minha concepção da vida e do conjunto de conhecimentos acumulados até então. O primeiro tomo de "O CAPITAL" me revelou o segredo da exploração capitalista e me fez socialista por convicção científica".

Com relação ao primeiro livro citado, parece-nos que a confissão do ex-cavaleiro é cômica, para não dizer absurda. Nos países comunizados — a começar pela URSS — nada é mais onímodo em arbítrio, saber, presença e coação do que o próprio Estado! Que o digam os fatos que escreveram a história do comunismo a partir do golpe de outubro de 1917. História de expurgos, assassinatos, hospitais psiquiátricos, muros de vergonha, fugas etc.

Por outro lado, ansioso por se declarar "socialista por convicção científica" e agradar aos "novos amigos", bastou que lesse o primeiro "tomo" de O CAPITAL. O espírito de MARX deve ter agradecido e imaginado: "Afinal, para que escrevi os outros volumes?".

Estava convertido!

A QUEDA

O abandono de uma situação anterior gera um estado de transição psicológica e uma série de dúvidas que só podem ser esclarecidas pela assistência dos elementos causadores da conversão. Se esses elementos são inescrupulosos — equivale dizer, comunistas — a vítima inicia a queda, isto é, ingressa no caminho das "auto-críticas". A dignidade individual será paulatinamente destruída e, de pessoa transforma-se em mero instrumento, cada vez mais comprometido com a máquina infernal do MCI.

O ex-cavaleiro, apesar de classificar a sua transformação como um processo "lento e difícil", não fugiu à regra e deslisou tão rapidamente quanto se converteu.

Durante dois anos (1928-1930), entre BUENOS AIRES e MONTEVIDÉU, exteriorizou as suas novas convicções procurando posicionar-se melhor ante o seu novo mundo e ser aceito sem desconfiança na "nova sociedade".

Naquela época, o BRASIL vivia o agitado período político que desagou na Revolução de 30. Convidado, segundo seu depoimento, para candidatar-se à Presidência da República pelo PC, declinou do convite, em face do "compromisso moral" com o tenentismo, ao qual esperava ainda aliciar para uma posição "revolucionária", dentro das suas novas concepções ideológicas.

Em maio de 1930, avançou mais um passo. Publicou um manifesto atacando o programa da ALIANÇA LIBERAL, considerando-o "anódino" e formado de "panacéias" que nada iriam resolver. Embora tenha declarado posteriormente que, àquela época, ainda não havia aderido ao comunismo, admitiu que havia exposto sua posição revolucionária "antiimperialista e de luta contra o latifúndio e pelo poder para os trabalhadores". O chavão é por demais característico!

O manifesto foi bem aceito por RUSTICO — Chefe do BUREAU SULAMERICANO DA IC, sediado em BUENOS AIRES. Apesar de toda a literatura consumida e da sua "convicção científica" já declarada, ainda estava, em termos ideológicos, numa faixa que os seus futuros "chefes" poderiam considerar de transição. Mais provas seriam exigidas de um ex-revolucionário burguês para se classificar como membro do "proletariado internacional". Quem sabe, não estaria ele em quarentena ideológica?

O Chefe do Bureau da IC, designado pelo MCI para acompanhar o seu processo de queda através das confissões públicas, fazia a roda girar. Incentivar e reprimir, provocar o isolamento, deixar cair e aparecer depois como companheiro e salvador. Assim é a técnica.

A aceitação pacífica dessas imposições ideológicas para corrigir os "desvios" que, no caso de PRESTES, os "fabulosos" livros não puderam evitar — é parte importante do processo de submissão que é imposto aos membros dos PC no mundo inteiro.

Animado pelos incentivos de seu "guia", após o primeiro manifesto, lançou outro em julho do mesmo ano. Aprofundou as suas novas idéias revolucionárias e o fez com tanto entusiasmo que criou (sic) a LIGA DE AÇÃO REVOLUCIONÁRIA, para conduzir a revolução "antiimperialista e de luta contra o latifúndio e pelo poder aos trabalhadores".

Pode-se imaginar a grande decepção do ex-cavaleiro quando, ao contrário de novos elogios e incentivos, recebeu dura repreensão.

Deixemos que o próprio PRESTES conte o episódio:

"... E surgiu então a intervenção de uma pessoa, um comunista, que foi quem me ajudou a compreender o caminho acertado que me levaria a renunciar definitivamente às prebendas com que pretendiam seduzir-me os partidários do impe-

rialismo e do latifúndio, livrar-me de influências estranhas e converter-me em soldado do único movimento revolucionário conseqüente, do movimento comunista operário."

"Após a publicação do Manifesto em que propugnava pela criação da LI-GA, entrevistou-se novamente comigo para dizer-me com toda a franqueza que lamentava a minha nova posição que, a seu juízo, significava um passo atrás. O primeiro Manifesto me disse, era uma aproximação franca com o movimento comunista, ao passo que no segundo se propunha a criação de um partido político que não sendo proletário, só poderia ser um *partido burguês*."

E continua o ingênuo (?) ex-cavaleiro relatando o fato: "RUSTICO me falou da luta de LENIN contra os populistas, os economistas e os mencheviques. Foram verdadeiras lições sobre a história do movimento bolchevique que me fizeram compreender o caminho da revolução russa". A pieguice deste relato demonstra que realmente, o ex-cavaleiro havia perdido por completo, a noção mais elementar do comportamento de um Homem.

Deste modo renunciara às *prebendas* que o capitalismo lhe oferecia. Se verificarmos porém o tempo em que vive (47 anos) às custas do MCI, pode-se concluir que, na verdade, não se tratava das prebendas e sim, da origem das prebendas...

PRESTES admitiu que ao lançar o primeiro dos manifestos (maio de 1930), já pensava em organizar uma força paralela ao PC. É possível que RUSTICO tenha percebido e permanecido quieto para, no futuro, exigir do "camarada", a devida correção. Justificando-se do mau pensamento, PRESTES completava assim a sua defesa:

"Alguns intelectuais brasileiros, de idéias trotsquistas quiseram aproveitar essa circunstância (formação da força paralela) e entraram em contato comigo em BUENOS AIRES e conseguiram por algum tempo, influir na minha procura de um caminho revolucionário." Líder ou Liderado? Sem outros comentários.

Em março de 1931, já em MONTEVIDÉU, o ex-cavaleiro, agora transformado em panfleteiro, divulgou outro manifesto sob a assistência de RUSTICO, no qual declarava: "A todos os revolucionários sinceros e honestos, às massas trabalhadoras que nestes momentos de desilusão e desesperança se voltam para *mim*, só posso indicar-lhes um caminho: a revolução agrária e antiimperialista sob a hegemonia incontestável do Partido do proletariado, o PCB, Seção Brasileira da Internacional Comunista".

Deste modo se desculpava da heresia de haver imaginado criar um outro partido para fazer a revolução. Por outro lado, aproveitou para ir lançando as bases do "prestismo" (... se voltam para *mim*).

É de meridiano entendimento que PRESTES foi recrutado para ser usado na liderança do PCB, logo a sua preparação não poderia ficar restrita aos conselhos e críticas de RUSTICO em MONTEVIDÉU. Estreitando o seu comprometimento com o MCI, foi levado, em novembro de 1931 para MOSCOU e lá, entregue aos cui-

dados de DMITRY MANUILSKY — Secretário do Comitê Executivo da IC e encarregado dos PC da AMÉRICA LATINA, incluindo portanto, o PCB.

PRESTES procurou justificar sua viagem e, então, declarou que fora convidado, não só para estudar marxismo-leninismo, como também, para trabalhar como engenheiro. Afinal, não ficaria bem dar a impressão de que viveria em MOSCOU, apenas estudando por conta do MCI, antes mesmo de ser membro do PCB, enquanto seus "camaradas" enfrentavam os problemas da clandestinidade...

Na URSS, ocorreria a última "humilhação" antes do fim dessa etapa do processo da queda e que o colocaria permanentemente nas garras do MCI. Os repetidos pronunciamentos de BUENOS AIRES e MONTEVIDÉU afastaram-no definitivamente do "tenentismo". As acusações de trotsquistas aos "intelectuais", cortavam a possibilidade de qualquer apoio desse grupo. O PCB era o seu próximo e único objetivo. Da URSS, cumprindo as normas dos estatutos do Partido, solicitou o seu ingresso. A resposta foi decepcionante: "Rejeitado sob a acusação de ser um revolucionário não proletário e sim, pequeno burguês".

O próprio PRESTES, em entrevista a REVISTA INTERNACIONAL (Jan. 73), explicou assim o veto recebido: "No princípio, a direção do PCB não considerava conveniente aceitar como membro do Partido *uma pessoa de origem social igual a minha*".

Renegando a sua própria origem, maldizia a sua condição de ex-oficial do Exército, agredia mais uma vez os que o acompanharam na Coluna e lamentava haver nascido de pais burgueses.

Todas as portas estavam fechadas. Estava só. Restava-lhe apenas o apoio e a interferência da IC junto ao PCB. O ex-cavaleiro, ex-esperança, ex-brasileiro, aguardou paciente e disciplinadamente as ordens do MCI.

Em 19 de agosto de 1934 foi recrutado oficialmente para o PCB, à revelia dos dirigentes comunistas brasileiros. No momento em que o MCI decidiu da conveniência do seu recrutamento, cessaram todas as restrições anteriores da parte do PCB. Aliás, só se pode entender a imposição dessas restrições como uma manobra da IC, para submeter mais ainda o futuro dirigente, ou então, como parte de uma grande farsa! Quem foi procurar PRESTES em PUERTO SUAREZ? O PCB não o convidara para ser seu candidato a Presidência da República em 1930? E por quê não o aceitava depois como simples membro do Partido? Teria o PCB, submisso como sempre foi à IC, tomado essas deliberações por si? É óbvio que não. Diga-se ainda, que PRESTES entrou no movimento comunista de pára-quadras, sem percorrer o caminho normal da rígida hierarquia dos PC. Em 1935, no VII Congresso da IC foi eleito membro da sua Comissão Executiva. Em fins do ano anterior, havia regressado ao BRASIL para preparar uma revolução do tipo soviética.

Eleito Presidente de Honra da ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA, dirigiu a rebelião que assassinou traiçoeiramente oficiais e praças do Exército, o mesmo Exército a que PRESTES pertenceu e que, naquela ocasião, pretendeu des-

truir para escravizar a Nação. Foi o seu maior "feito" — a sua grande prova — que o credenciaria, apesar do fracasso do movimento, a se tornar o "homem" de confiança do comunismo internacional no BRASIL, capaz de assassinar seus patrícios a serviço do marxismo-leninismo.

O CARÁTER DO TRAIADOR

A partir do momento em que assimilou a doutrina marxista-leninista, PRESTES passou a viver e a agir com o pensamento de LENIN: "Tudo que ajuda a revolução é moral, tudo que prejudica a revolução é imoral". As traições começaram a se suceder.

Ao renegar os princípios pelos quais se bateu junto com os seus companheiros de 1924, traiu-os. Não satisfeito, denunciou-os posteriormente. O General GOES MONTEIRO conta o fato: "Em abril (1930) fui chamado a PORTO ALEGRE e me foi dado a conhecer pelo sr. OSWALDO ARANHA e meu irmão CÍCERO, que ali se encontrava, o rompimento definitivo com PRESTES. Os srs. JOÃO ALBERTO e SIQUEIRA CAMPOS iriam a BUENOS AIRES com o fito de demovê-lo da sua intransigência comunista. Mas tudo seria inútil. PRESTES nem sequer devolveu o dinheiro que lhe haviam confiado para a compra de armamento e ainda ameaçou denunciar os preparativos da revolução e os seus antigos companheiros de luta — o que fez mais tarde, escrevendo nesse sentido ao Ministro da Guerra de WASHINGTON LUIZ, General NESTOR PASSOS".

Em BUENOS AIRES acusou "alguns intelectuais brasileiros da tentativa de desviá-lo". Em MOSCOU foi procurado pelos trotsquistas que lutavam contra os stalinistas que estavam no poder. Denunciou-os ao PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA e à polfícia.

Com relação aos seus companheiros de Partido observemos o que diz OSVALDO PERALVA: "A facilidade com que muda de opinião em relação aos seus companheiros de luta, passando dos elogios à difamação, não é produto de uma leviandade de caráter, como parece à primeira vista, mas de um misticismo profundo e de um estreito sectarismo, que o levam a pautar sua conduta exclusivamente pelos cânones partidários, pelo que supõe ser o interesse do povo e da revolução".

E continua o ex-liderado do ex-cavaleiro: "Sobre ele escrevi inúmeros artigos na imprensa, e até o verbete que hoje (1960) consta da Grande Enciclopédia Soviética, apresentando-lhe os dados biográficos, foi escrito por mim em MOSCOU. Cantei-lhe as façanhas de grande militar, grande político e grande pensador, com um exagero que não era fruto da insinceridade, mas de um misticismo que velava e retocava a realidade; de uma servidão mental que me anesthesiava por completo a sensibilidade crítica... Só depois de agosto de 1956, quando compreendi a revisão de concepções que antes eram ponto pacífico para mim, pude reavaliar também a figura de PRESTES e perceber a anormalidade das deformações causadas em sua personalidade pela máquina infernal do bolchevismo".

No âmbito do seu próprio grupo (PCB) — sempre atento aos interesses da matriz, PRESTES viveu envolvido nas lutas pelo poder, fato normal nas organizações marxistas-leninistas. Comandou expurgos e caracterizou a sua posição por uma monótona “subserviência política e intelectual ante os soviéticos, abdicando mesmo da faculdade de pensar com a própria cabeça”.

Para completar este “perfil”, basta lembrar o insólito episódio ocorrido no Senado Federal em 1946, quando declarou que: “se o BRASIL entrasse numa guerra contra a URSS, os comunistas (não só ele, mas os comunistas) pegariam em armas contra o governo brasileiro.”

Afinal, o que é tudo isso, senão falta de caráter? Talvez, a mentalidade marxista-leninista possa qualificá-lo como “resultado de um misticismo profundo e de um extremo sectarismo”. Mas, para nós, livres dos padrões desse raciocínio, é falta de caráter mesmo.

A AMEAÇA E O MITO

Por que, apesar desta imagem exposta até aqui, persiste a ameaça da subversão comunista e o mito de PRESTES, no Brasil?

PRIMEIRO: O MCI dispõe de uma aparelhagem mundial capaz de bem planejar e melhor executar uma completa campanha publicitária para vender (ou impor) o seu produto, conseguindo muitas vezes, alterar não só as interpretações mas, também, a divulgação dos próprios fatos. A primeira parte da história de PRESTES — o da COLUNA, que não foi contada aqui, é comumente projetada além de sua época, chegando até nós, um retrato distorcido — retocado para melhor — de uma figura que na verdade não existe desde dezembro de 1927.

SEGUNDO: A presença no cenário político nacional, de indivíduos e de grupos que utilizaram e que ainda utilizam os conchavos espúrios e as alianças ilegais, colocando os seus interesses imediatos, acima dos interesses da própria nação. Esses fatos ainda hoje se repetem, apesar da história dos comunistas no BRASIL, e de haverem sido eles, os comunistas, repudiados violentamente pelo povo brasileiro em 1935 e em 1964.

TERCEIRO: Pela existência dos eternos utópicos que acreditam ou fingem acreditar que a democracia implica necessariamente na existência de todas as correntes políticas — ainda que não democráticas — e imaginam, ou fingem imaginar, que os comunistas serão capazes de cumprir compromissos democráticos e agir fora dos padrões marxistas-leninistas. Por isso, acham ou fingem achar que é muito natural que comunistas possam participar ativa e legalmente da vida nacional, ainda que eles não se sintam obrigados aos mesmos deveres dos democratas, porque o seu objetivo final, declarado e confesso, é a implantação de um governo totalitário, dentro do Sistema Socialista Mundial. Os principais líderes do MCI têm afirmado enfaticamente que a “coexistência pacífica não exclui a constante pregação pela luta de classes, visando à libertação do mundo, dominado pelo imperialismo capitalista”.

Para que libertar?

O MURO DE BERLIM, bem poderia ser o primeiro item de uma extensa resposta.